

O Cyberbullying nas Redes Sociais: um problema de todos? Cyberbullying on Social Networks: everyone's problem?

Silvana Freitas Sousa

Instituto Politécnico de Bragança
Ssousa751@gmail.com

Bruno Miguel F. Gonçalves

Departamento de Tecnologia Educativa e Gestão de Informação
Instituto Politécnico de Bragança
bruno.goncalves@ipb.pt

Resumo

O crescimento exponencial da Web 2.0 contribuiu de forma significativa para o aumento do número da oferta de tecnologias e/ou serviços como, por exemplo, as redes sociais que são atualmente utilizadas por centenas de milhões de pessoas em todo o mundo. No entanto, pelas mudanças que continuamente assistimos nos demais palcos sociais e tecnológicos, verifica-se que estas tecnologias podem e devem ser utilizadas de uma forma mais controlada e com base num conjunto de princípios baseados no respeito pelos indivíduos, na liberdade de expressão e escolha e, claro, na ética. Assim, no presente estudo, pretende-se realizar uma revisão sistemática da literatura que permita responder de forma clara à seguinte questão de investigação: Que pedagogias podem ser adotadas para reduzir a prática do Cyberbullying entre os adolescentes? Os resultados sugerem a necessidade de um maior investimento na formação docente, dotando-os de estratégias de avaliação e intervenção na prevenção do Cyberbullying.

Palavras-chave: Cyberbullying; Educação; Pedagogia; Redes Sociais; Tecnologias.

Abstract

The exponential growth of Web 2.0 has contributed significantly to the increase in the number of technologies and/or services as, for example, social networks that are currently used by hundreds of millions of people around the world. However, due to the continuing changes we have seen on the other social and technological stages, these technologies can and must be used in a more controlled way and on the basis of a set of principles based on respect for individuals, freedom of expression and choice and, of course, ethics. Thus, in the present study, it is intended to perform a systematic review of the literature that allows a clear answer to the following research question: What pedagogies can be adopted to reduce the practice of Cyberbullying among adolescents? The results suggest the need for greater investment in teacher training, providing them with evaluation strategies and intervention in the prevention of Cyberbullying.

Keywords: Cyberbullying; Education; Pedagogy; Social Networks; Technologies.

Introdução

O impacto das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) no comportamento das crianças e dos jovens tem sido um importante tópico de estudo nos últimos anos. A importância advém da nova forma de *bullying*, designadamente, o *cyberbullying* que, na sua forma mais simples, corresponde ao uso indevido das tecnologias para assediar, ameaçar ou vitimizar outra pessoa de forma sistemática. Este ato pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer hora, repetidamente e não requer força física, pois não advém de um contacto presencial nem está restrito a um número de observadores. Um *cyberbully* consegue importunar a sua vítima 24h por dia com milhares de espetadores a assistir, podendo ainda manter o seu anonimato. Com suporte nesta problemática que todos, direta ou indiretamente, acabamos por presenciar e, em resultado de uma pesquisa exploratória sobre este tema, considera-se importante estudar o *cyberbullying* no contexto da utilização das redes sociais. A opção pelo tema tem que ver com o debate de que atualmente é alvo quer na sociedade em geral quer na comunidade científica em particular. Assim, considerando a importância desta problemática, essencialmente, nos adolescentes, no ambiente familiar e na escola, torna-se fundamental identificar um conjunto de pedagogias que permitam limitar ou, pelo menos, reduzir o número de ocorrências desta prática no âmbito da utilização das redes sociais, mais concretamente, do *Facebook*. Estas pedagogias parecem ser úteis como medidas preventivas para a prática de *cyberbullying* nas redes sociais, mas também como estratégias que podem ser adotadas em diferentes contextos da internet.

Revisão da Literatura

Cyberbullying: uma abordagem geral

É comumente aceite que as tecnologias vieram alterar a forma como vemos o mundo e reinventar o processo de negócio das organizações, tendo a informática como a “ciência do tratamento automático das informações” (Simões, 2014) e também aquela que mais se destaca neste meio. Com este avanço, surgiu a

preocupação de que as tecnologias ultrapassem a interação humana e o mundo seja apenas um lugar com pessoas “menos” capazes. As TIC trouxeram um conjunto de serviços, redes, softwares e equipamentos que tem como principal objetivo a ajuda na qualidade de vida da sociedade em geral (Simões, 2014). É consensual nas diversas sociedades, comunidades educativas, acadêmicas, científicas e profissionais que as tecnologias, inclusive a internet é das maiores e melhores invenções para a disseminação e procura de informação. A Internet não só nos facilita o acesso rápido e praticamente instantâneo à informação como também o poder de interagir em tempo real com qualquer pessoa do mundo.

Hoje, a família, já não é aquela instituição do passado. Atualmente, as crianças passam menos tempo no ambiente familiar que outrora era rico em questões de educação. Cada vez mais cedo são entregues aos cuidados das instituições educativas e o pouco tempo que têm disponível parece ser dividido entre a família e a interação com as tecnologias atualmente existentes no mercado. Naturalmente que esta interação pressupõe o aumento substancial do número de horas em frente aos ecrãs (visualização de filmes, séries e vídeos, aquisição de produtos ou serviços jogos, redes sociais, entre outros...). Nesta linha, também o Instituto Nacional de Estatística (INE) revela que cada vez mais a utilização do computador e da internet é superior à da média nacional nos grupos etários mais baixos (até aos 44 anos). No que se refere ao computador e à internet é, sobretudo, entre os 16 e os 24 anos que se verifica um maior nível de utilização (97%) (Rodrigues, 2013). Naturalmente que em nenhum dos casos seria algo de grave, salvo o exagero na quantidade de utilização e a falta de supervisão existente no seio familiar.

A falta de atenção e supervisão da família e da escola no que se refere à utilização das redes sociais, nomeadamente do *Facebook* é a principal motivação pela qual decidimos desenvolver o presente estudo, relacionado com o *cyberbullying*. Este tipo de *bullying* não é mais do que o insulto que à distância de um clique tornou-se, de forma vil e incontrolada, um divertimento para os jovens e

adolescentes de todo o mundo. Assim, entende-se como *cyberbullying*, atos de violência e atitudes agressivas, intencionais e repetitivas (Pinheiro, 2007: 12; Olweus, 1991) citado por (Pinheiro, 2009), cujo objetivo pode passar pela humilhação, perseguição, intimidação, agressão, difamação e marginalização de um indivíduo ou grupo. Entende-se ainda que o *cyberbullying* tem como base a projeção deste mesmo fenômeno (*bullying*) na cibercultura.

O *cyberbullying* difere do *bullying* tradicional, pois pode ter continuidade fora do espaço físico escolar, dada a possibilidade de a vítima estar sempre contactável, graças às tecnologias da comunicação (Rodrigues, 2013). Quando ocorre um episódio de *bullying*, outras pessoas podem estar no local e assistir às agressões, enquanto no *cyberbullying* as agressões podem ser filmadas e publicadas online para o público em geral, independentemente se conhecem ou não a vítima. O *cyberbullying* é uma forma indireta de *bullying*, que agrava as suas consequências e afeta negativamente o sentido de boa convivência, socialização colaboração e cooperação entre os demais atores do ambiente educativo, especialmente com e entre alunos.

Os mesmos autores defendem que, ao contrário de outras formas de *bullying*, as agressões efetuadas *online* dirigidas a outra pessoa e uma vez publicadas, podem permanecer indeterminadamente na Internet e serem difundidas com extrema rapidez. E, como é de conhecimento geral, isto deixa um rasto que, na maioria das vezes, é muito difícil de apagar e onde a vítima poderá estar exposta ao sucedido a vida inteira. Esta questão remete-nos para a “pegada digital” que qualquer cibernauta, mesmo após a sua morte, “continua vivo na web”, pois, provavelmente, a “pegada digital” ficará para sempre na rede, à vista de qualquer pessoa do mundo que aceda à internet!

A tipologia do *cyberbullying* foi proposta por vários autores ao longo do tempo, no entanto, existe uma que classifica a prática consoante os vários tipos de agressões com recurso às tecnologias. Esta tipologia categoriza-se em oito componentes, designadamente (Rodrigues, 2013):

- Manifestar ódio (*Flaming*): confrontos online através do uso de mensagens eletrônicas com linguagem agressiva e vulgar que pode incluir insultos ou ameaças;
- Assédio (*Harassment*): envio repetido e contínuo de mensagens ofensivas, rudes e insultuosas;
- Difamação (*Denigration*): difamar alguém online enviando ou publicando comentários depreciativos, boatos cruéis ou rumores sobre a pessoa para prejudicar a sua reputação ou amizades; criação de uma página web ou website dedicado a insultar outra(s) pessoa(s);
- Personificação (*Impersonation*): entrar na conta pessoal de indivíduo, fazendo-se passar por essa pessoa e enviar mensagens para fazer a pessoa ficar mal perante os outros de forma a provocar problemas e a prejudicar a sua reputação;
- Revelar (*Outing*): partilhar online os segredos, informações ou imagens comprometedoras de determinado indivíduo;
- Enganar (*Trickery*): convencer alguém a revelar segredos ou informação comprometedoras e depois partilhá-la online;
- Exclusão (*Exclusion*): Excluir alguém de forma intencional e cruel de um grupo online, como uma lista de amigos, um jogo online ou um fórum;
- Ciber perseguição (*Cyberstalking*): envio repetido de mensagens que incluem ameaças físicas ou que são muito intimidantes ou exercer outras atividades online que provocam medo e insegurança na vítima (Rodrigues, 2013).

No que diz respeito à influência do género nos comportamentos agressivos, Ferreira (2011) considera que é o género masculino que mais pratica o *cyberbullying*. No entanto, estes resultados parecem ser contrários aos obtidos nas entrevistas de *focus group* realizadas por Smith et al.,(2008) e Ferreira (2011), que afirmam que é o género oposto que está mais associado a comportamentos de *cyberbullying*, pois os homens são considerados “mais físicos”. Conclui-se então que

a influência de gênero no *cyberbullying* parece ser marcada por comportamentos sociais diferentes entre homens e mulheres, trazendo à tona os adágios culturais de que o homem está mais ligado à força física e a mulher à manipulação e à astúcia das suas atitudes. Embora esta seja ainda uma questão que não se encontra devidamente consolidada na literatura, entendemos que os dois gêneros estão implícitos neste tipo de comportamento e o mais importante é saber como identificá-los e suprimi-los.

O Cyberbullying em contexto educativo

No contexto educativo baseado nas tecnologias é cada vez mais importante a criação de um ambiente colaborativo mais enraizado, onde a partilha de conhecimentos é efetuada na componente do diálogo e na autonomia de realização e investigação. Obviamente que isto pressupõe um maior acompanhamento dos alunos e daquilo que eles fazem com os meios que têm à sua disposição, designadamente, as tecnologias.

Naturalmente que destas tecnologias fazem parte as redes sociais, que parecem ser ótimas ferramentas para a comunicação, interação, colaboração e socialização entre os demais intervenientes no processo de ensino-aprendizagem. Apesar de todas as controvérsias educativas que possam gerar, o que é certo é que, através dos media, os professores conseguem ter uma maior proximidade social com os alunos que, provavelmente, não tinham até ao momento. Esta proximidade servirá para melhorar o desempenho dos alunos através das potencialidades destas plataformas bem como perceber se a utilização social que eles fazem é a mais adequada. Denote-se que, nesta questão, o problema reside na iliteracia digital dos alunos, bem como na dificuldade que existe em monitorizar a forma como os mesmos utilizam as diferentes tecnologias, essencialmente, as redes sociais e como, através delas, se relacionam com os colegas, professores, amigos ou outros utilizadores.

Tendo em consideração as dificuldades que a comunidade educativa apresenta perante esta problemática, destaca-se o programa *Asegúrate* que, através

da educação para o envolvimento dos alunos no *cyberbullying*, quer nos papéis de vítima, agressor ou no papel *dual* do *cyberbully/vítima* (Rey, Ortega-ruiz, & Casas, 2019), dá a conhecer esta realidade e apresenta soluções na forma de prevenção desta prática. Para além deste, evidenciamos também o projeto da Escola Segura que fornece todo um conjunto de informações e diretrizes que servem de boas práticas a adotar pelas escolas (DGE, 2020). Também a Direção Geral de Educação (DGE) sugere algumas orientações, designadamente, as seguintes:

- Participar ativamente na vida escolar dos jovens;
- Manter-se atento aos sinais de alerta;
- Criar alertas no Google;
- Conhecer e utilizar as tecnologias, nomeadamente as aplicações que os jovens utilizam preferencialmente;
- Resistir à desinibição e à impulsividade;
- Incentivar as crianças e jovens a pensar antes de publicar (DGE, 2020).

Assim, podemos dizer que prevenir o *cyberbullying* no seu sentido efetivo, significa promover uma maior segurança *online* das crianças e jovens onde é primordial promover o diálogo (...) e a forma como as tecnologias de informação podem ser usadas (DGE, 2020).

A pandemia covid-19 pode favorecer o cyberbulling!

Este período de isolamento que se atravessa obriga todos os jovens e adolescentes à utilização constante da Internet para os trabalhos escolares, para o entretenimento e a socialização com os familiares, mas, essencialmente, com os colegas e amigos. Apesar das redes sociais e da internet colmatarem a distância física, também acarretam grandes riscos para os utilizadores. Com o aumento da presença dos computadores e *smartphones* a tendência é que o *bullying* normal passe a *cyberbullying* e que, em consequência, o número de ocorrências aumente.

Depreende-se que um dos maiores riscos seja, precisamente, a associação do *cyberbullying* às problemáticas da saúde como os sintomas de saúde mental, o

consumo de substâncias ilícitas e ainda a ideação suicida. Os danos vivenciados no *cyberbullying* assumem predominantemente uma natureza social e emocional, sobretudo devido à larga audiência e potencial a que o sujeito alvo se encontra exposto (DGE, 2020).

Assim, o que se pretende é que os professores estejam na linha da frente da supressão do *cyberbullying* e que se mantenham atentos aos sinais de alerta, a fim de poderem adotar as estratégias de prevenção, como as que apresentamos neste artigo. Agora e, mais do que nunca, é essencial que os professores e os pais se unam e falem aos jovens deste tema e das consequências que pode trazer às suas vidas e, essencialmente, às vidas daqueles que vitimizam.

A revisão da literatura efetuada permitiu uma visão geral desta temática do *cyberbullying* e da forma como esta prática pode ser um fator de risco se os jovens não tiverem o devido acompanhamento.

Metodologia

Esta pesquisa foi desenvolvida através de uma metodologia baseada numa revisão sistemática da literatura que permitiu compreender a abordagem das TIC e a identificação e prevenção do *cyberbullying* em adolescentes dos 13 aos 18 anos, no contexto das redes sociais mais concretamente no *Facebook*.

Com recurso a algumas bases de dados, como o RCAAP, *Scielo* e *Google Scholar*, pesquisaram-se artigos científicos relacionados com os problemas do *cyberbullying* e as pedagogias com as TIC que as possam reduzir.

A revisão sistemática da literatura permitiu identificar, selecionar e avaliar as pesquisas mais importantes na literatura sobre a temática abordada. Assim, neste estudo qualitativo, fundamentado numa análise documental, selecionou-se um conjunto de artigos científicos e teses que se encontram devidamente referenciados. Identificaram-se 20 artigos no total, dos quais foram referenciados 13 *papers*, provenientes das bases de dados identificadas, que permitem uma maior veracidade dos factos e informações.

Para além da análise documental, importa referir que os autores desta investigação participaram num *Massive Open Online Courses (MOOC)*, promovido pela Direção-Geral da Educação (DGE), designado por *Bullying e Cyberbullying: Prevenir & Agir (II)*. Desta forma, os autores tiveram a oportunidade de, através da observação participante, estudar em tempo real com os seus pares esta temática e retirar as informações pertinentes para o desenvolvimento do presente estudo. Importa referir que as informações foram devidamente registadas e categorizadas no diário do investigador.

Após a recolha dos dados, foi realizada uma análise de conteúdo que foi desenvolvida com base nas seguintes perspetivas: vítima, agressor, observador e educativa. Importa referir que foram criadas categorias de análise, provenientes dos resultados obtidos que, posteriormente, foram agrupadas nas perspetivas anteriormente identificadas. Todos os dados obtidos foram categorizados e tratados adequadamente no *Microsoft Excel*. Por fim, com suporte no quadro de resultados qualitativos, foi realizada uma análise final para padronização dos dados.

Resultados

As necessidades e expectativas no mundo contemporâneo contribuem, a cada dia, para modelos diferenciados de educação (Pereira & Oliveira, 2012). Um exemplo disso, é a concretização do processo de ensino-aprendizagem através das redes que é um panorama em contínuo desenvolvimento. Assim, sugere-se que se quebrem os antigos paradigmas educacionais e que, ao ensinar se consiga, simultaneamente, aprender utilizando a panóplia das ferramentas da *Web 2.0*. Para isso é necessário que o professor/educador seja autónomo, competente, hábil, participativo, ativo, colaborativo, contextualizado, interativo, interdisciplinar e construtivo para que, desta forma, tenha condições para contribuir para a literacia digital dos alunos, mas também, para a formação daqueles que os supervisionam.

O estudo desenvolvido não tem a intenção de dar receitas ou respostas, mas sim de informar e esclarecer o leitor sobre a problemática, de modo a prevenir determinados comportamentos nas redes digitais. Quando falamos em intervenção

na área do *cyberbullying*, temos a tendência para olhar para os nossos educandos como potenciais vítimas, sendo menos habitual pensarmos neles como observadores ou, ainda mais raramente, como agressores. Infelizmente, esquecemo-nos que as dinâmicas de grupo podem influenciá-los a ter determinadas ações e comportamentos que não se coadunam com os valores segundo os quais os educamos. Deste modo, parece relevante identificar-se um conjunto de estratégias que possam contribuir para ajudar os pais/encarregados de educação a gerir e, se necessário, intervir nos comportamentos dos seus educandos, caso estes estejam perante potenciais crianças e jovens que sejam vítimas, agressores ou apenas observadores dos mesmos (DGE, 2020). Perante isto, seguidamente, categorizam-se estas estratégias nas seguintes perspetivas: vítima, agressor, observador e educativa.

Perspetiva da vítima

O perfil típico das vítimas de *cyberbullying* demonstra que estas apresentam maiores níveis de ansiedade, stress e insegurança quando comparadas com outros, mas que também são mais sensíveis e calmas e apresentam autoestima e autoconfiança mais baixas. Por isso, os atos de *cyberbullying*, podem levá-las a estados de tristeza e infelicidade. Se determinada criança, adolescente ou jovem for vítima de *cyberbullying* deve-se procurar seguir as seguintes recomendações (DGE, 2020):

- Procurar manter a calma e deixar claro que tudo fará para ajudar a pessoa;
- Levar as ameaças a sério;
- Procurar salvaguardar as provas das agressões;
- Reportar o caso e denunciar os agressores;
- Solicitar a colaboração da escola, contactando diretamente o órgão de gestão, o diretor de turma ou o docente titular da turma;
- Contactar as autoridades competentes, sempre que se justifique;
- Monitorizar a utilização dos dispositivos eletrónicos, evitando a proibição;
- Procurar, sempre que necessário, ajudar especializada (DGE, 2020).

Através da revisão sistemática da literatura, foi possível encontrar outras recomendações, que se podem agrupar nesta perspetiva, tais como: a importância de evitar a partilha de senhas pessoais com o próximo, a revisão das definições de segurança e privacidade, a necessidade de manter a *firewall* do computador ativa e, claro, se possível proceder-se à instalação do *software* adequado para a proteção dos seus dados pessoais.

Estas sugestões parecem contribuir para auxiliar os pais a saber como proceder em situações desta natureza e para dar o apoio mais adequado aos seus filhos.

Perspetiva do Agressor

Os “*bullies*” como são assim conhecidos, apresentam uma atitude positiva face à violência sendo este o tipo de comportamento que mais utilizam. Estes jovens agressores caracterizam-se por serem muito impulsivos e impõem sempre a sua vontade perante todos. Para além disto, apresentam pouca empatia relativamente às vítimas comprometendo, através dos seus comportamentos, as suas relações (inter)pessoais. É, portanto, fundamental, que os comportamentos das crianças, adolescentes ou jovens não passem isentos e, por mais complicada que seja a denúncia das situações, elas têm que ocorrer. Embora, dificilmente, consigamos ver os nossos educandos como possíveis agressores, assistimos por vezes a determinadas interações e pressões nos grupos de pares que condicionam e propiciam o aparecimento de alguns comportamentos que despoletam essa agressividade. Assim, se o jovem for o agressor, devem ser seguidas as seguintes recomendações (DGE, 2020):

- Procurar manter a calma e centrar no facto de que o problema é o comportamento, não a criança;
- Manter as linhas de comunicação abertas e apresentar disponibilidade para escutar;
- Colocar um fim ao *cyberbullying* e verificar que este não volta a acontecer;

- Compreender a raiz do problema e o que originou tais ações ou comportamentos por parte da criança ou jovem;
- Investigar o caso para perceber exatamente o que aconteceu, onde, como e quem envolveu;
- Fazer a criança compreender como se sentem as vítimas, promovendo o respeito e a empatia;
- Adotar ferramentas de controlo parental, pelo menos até voltar a confiar neles;
- Partilhar as suas preocupações com outros membros da comunidade (DGE, 2020).

Para além destas sugestões, acrescenta-se a necessidade de se proceder ao acompanhamento psicológico periódico e, claro, a frequência em formações sobre o uso adequado das tecnologias.

É sempre difícil estar numa situação em que o jovem tem o papel do agressor. Torna-se complicado saber qual a atitude mais correta a tomar e se temos a coragem ou não de denunciar os nossos próprios filhos. Assim, estas sugestões podem contribuir para delinear o caminho a seguir e como agir e repreender as más atitudes e comportamentos dos jovens.

Perspetiva do Observador

Ser o observador é sempre uma situação difícil, especialmente, quando uma das partes envolvidas tem algum tipo de relação com quem está a assistir. Saber qual o caminho a seguir quando o nosso amigo ou colega é o agressor ou a vítima é difícil e, talvez, complexo. Assim, na perspetiva do observador, apresentamos algumas sugestões que podem contribuir para uma atuação mais segura e eficaz

- Incentivar e estimular os jovens a deixarem claro aos seus colegas que não se irão envolver em quaisquer ações de *cyberbullying*;
- Deixe claro aos jovens que não devem tolerar ações e comportamentos que apoiem os agressores;

- Aconselhar os jovens a nunca encaminharem ou responderem a mensagens que possam ser ofensivas ou perturbadoras, para outras crianças e jovens (DGE, 2020).

Para além destas recomendações e, atendendo à revisão da literatura efetuada, foi possível encontrar outras, que também se coadunam nesta perspetiva como, por exemplo, a importância em se registar o que se vê e quando se vê. Não encorajar o comportamento, não reenviar mensagens desadequadas, não coagir só para se sentir integrado e, sobretudo, defender a vítima e denunciar a agressão parecem ser aspetos fundamentais na prevenção do *cyberbullying*.

Todas as sugestões identificadas servem para que as famílias possam sempre encorajar os seus filhos a denunciar os casos de *cyberbullying* independentemente do lado que estejam, pois, o caminho certo é sempre a denúncia para que se possa resolver os conflitos e trabalhar com ambas as partes.

Perspetiva Educativa

O *cyberbullying* é um comportamento por si só de natureza complexa, o que faz com que não exista apenas uma solução, por isso é que o seu estudo em contexto educativo parece ser fundamental. Se existem vários tipos de educação, se os jovens estão em contacto diário com diferentes tecnologias e, se é neste contexto, que muitas vezes as situações acontecem, nada mais pertinente que seja neste formato que se encontre as melhores “soluções” para a minoração de ocorrências desta problemática. Nesta perspetiva, pretende-se fornecer algumas orientações de nível prático para ajudar as Escolas a prevenir e lidar com as situações de *bullying* e *cyberbullying* (DGE, 2020), designadamente, as seguintes:

- Criar uma equipa (de preferência multidisciplinar);
- Avaliar a situação (cada uma é única);
- Desenvolver um plano de ação (adequado para cada caso);
- Formar e sensibilizar (a prática das suas em simultâneo é o ideal);
- Políticas e procedimentos (implementar as mesmas no início do processo);

- Plano de resposta a Incidentes (que deverá ser produzido pela equipa multidisciplinar) (DGE, 2020).

A conceção e aplicação de políticas que regulam a utilização dos meios de comunicação e a criação de programas curriculares orientados para a utilização da internet parecem ser duas sugestões que as escolas podem de igual forma adotar/aplicar. Para além destes, espera-se que as escolas tenham outras formas para o combate e prevenção do *cyberbullying*, mas como vimos nem sempre é assim e as sugestões aqui identificadas servem para isso mesmo, para que a comunidade educativa tenha orientações de como proceder e tenha conhecimento de, como e onde encontrar os planos a implementar para suprir este tipo de problemáticas.

É importante lembrar que este trabalho não é solitário, mas sim colaborativo e que os resultados só surgem quando todas as partes envolvidas se importam em saber o que se sucede entre (e com) os adolescentes, bem como a forma mais adequada de intervenção. Conhecer a vida dos adolescentes pode contribuir para a minoração ou resolução de problemas. Todos os atores pais, famílias, alunos, professores, funcionários das escolas, diretores das instituições educativas, amigos e até conhecidos têm o dever de estar atentos, de reportar, de contribuir de antecipar e, sobretudo, de prever situações que promovam as práticas do *cyberbullying*.

Conclusão

É importante realçar que as perspetivas apresentadas servem para guiar os pais e a escola, mas não só. Os alunos ao terem conhecimento como se deve agir na dimensão da vítima, do agressor, do observador ou da escola, acabam por ter a capacidade de intervir quando estão perante uma situação de *cyberbullying* e isso é, sem dúvida, uma questão central nesta matéria. Neste caso específico, podemos afirmar, que toda a informação disponibilizada é útil a todas as partes envolvidas, pois é através desta, que se previnem os acontecimentos indesejados, especialmente na conjuntura atual em que vivemos.

Viver em quarentena, no meio de uma pandemia que veio revolucionar por completo o método de ensino que passou de presencial a online é ter a consciência de que todos os cuidados devem ser redobrados. A urgência da situação levou as ferramentas e os equipamentos tecnológicos à casa de muitos que, infelizmente, não os tinham e, se o supervisionamento não for efetuado com o maior dos cuidados e regras, é quase certo que estas situações irão ocorrer.

O estudo realizado à distância pode claramente fazer emergir práticas de *cyberbullying* sem que necessariamente passe pelas redes sociais. O *Microsoft Teams*, o *Zoom*, o *Google Classroom*, o *Skype* são ferramentas síncronas que permitem a videoconferência e, por conseguinte, podem encorajar os adolescentes a fazerem capturas de ecrã onde através da imagem podem fazer vários tipos “brincadeiras” ofensivas; criar salas de conversação privada onde podem surgir conteúdos menos adequados, entre outros. Com estas mudanças é preciso que os professores tenham o cuidado de explicar aos alunos como funciona este tipo de aplicações e as boas práticas na sua utilização. Para muitos, isto pode parecer exagerado, mas o que é certo é que todo o cuidado é pouco quando as mudanças são abruptas.

Assim, torna-se fundamental aprofundar este fenómeno, pois a sua expressão e desenvolvimento são cada vez maiores e o intuito é contribuir com estratégias de intervenção ou de prevenção mais eficazes. Em suma, pretende-se que qualquer um seja capaz de utilizar o *Facebook* ou qualquer outra rede social, bem como trabalhar com as TIC sem qualquer tipo de violência, pois o ideal é sorrir sem medo, agir sem preconceito e procurar ser feliz em qualquer idade, respeitando diariamente a liberdade do outro.

Referências Bibliográficas

Alves, L. R. G., & Moreira, J. A. **Tecnologias e aprendizagens: delineando novos espaços de interação.**

- Araújo, E. R., & Matos, P. (2019). **Comunicação e Sociedade: Tempo e média [35, 2019]**.
- DGE. (janeiro de 2020). *NAU*. Obtido de DGE: SEGBC Bullying e Cyberbullying: Prevenir & Agir (II:<https://lms.nau.edu.pt/courses/course/v1:DGE+SEGBC+II/course/>)
- Ferreira, F. I. (2011). **A animação sociocultural, associativismo e educação**. Retrieved from <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/16248>
- Pereira, E., & Oliveira, L. (2012). **TIC na Educação: desafios e conflitos versus potencialidades pedagógicas com a WEB 2.0** ICT in Education: pedagogical challenges and conflicts with WEB 2.0, 21.
- Pinheiro, L. (2009). **CYBERBULLYING EM PORTUGAL: uma perspectiva sociológica**.
- Rey, R., Ortega-ruiz, R., & Casas, A. (2019). **Asegúrate: An Intervention Program against Cyberbullying Based on Teachers' Commitment and on Design of Its Instructional Materials**. <https://doi.org/10.3390/ijerph16030434>
- Rodrigues, A. (2013). **Cyberbullying: um fenómeno emergente nos jovens portugueses**. Universidade de Coimbra.
- Simões, P. (2014). **AS TIC : Violência , Bullying e Cyberbullying**. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

Sobre os Autores

	<p>Silvana Freitas Sousa</p> <p>Licenciada em Educação Social pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança (2019) e aluna do Mestrado em TIC na Educação e Formação pelo mesmo Instituto. Recentemente estive como Bolseira de Investigação pelo Centro de Investigação em Educação Básica do referido Instituto, com um projeto que abordava a temática do Bullying e conseqüentemente o Cyberbullying. Ssousa751@gmail.com</p>
	<p>Bruno Miguel F. Gonçalves</p> <p>Licenciado em Informática de Gestão pela Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Bragança, Mestre em TIC na Educação e Formação pela Escola Superior de Educação da mesma instituição e Doutor em Ciências da Educação com Especialidade em Tecnologia Educativa pelo Instituto de Educação da Universidade do Minho.</p>

Revista EducaOnline. Volume 15, Nº 1, Janeiro/Abril de 2021. ISSN: 1983-2664. Este artigo foi submetido para avaliação em 30/11/2020. Aprovado para publicação em 22/12/2020.